



GT 53. Índios em cidades e cidades indígenas

Coordenador(es):

José Maurício Paiva Andion Arruti (UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas)

Ricardo Ventura Santos (FIOCRUZ)

Debatedor/a: José Carlos Matos Pereira (CBAE/UFRJ)

O tema da migração ou mobilidade indígena para centros urbanos, com as transformações cosmológicas, organizacionais e identitárias nele implicadas é matéria de interesse crescente na antropologia produzida nos EUA, na América Latina e no Brasil. Depois dos primeiros trabalhos sobre o tema na década de 1960, com Cardoso de Oliveira, e na década de 1980 com seus orientandos, o tema praticamente saiu da pauta da antropologia feita no Brasil, para só ser retomado duas décadas depois, em larga medida sob o impacto dos dados produzidos em escala nacional com a introdução da categoria "indígena" na lista de opções de auto-atribuição na pergunta sobre cor ou raça dos Censos Demográficos do IBGE de 1991, 2000 e 2010. Neles registrou-se não apenas um crescimento da população auto-atribuída indígena de praticamente 100% da primeira para a segunda década, como também que esta população estava dividida em proporções praticamente iguais entre áreas rurais e urbanas. Isso impulsionou tanto os estudos demográficos e etnográficos sobre indígenas em situações urbanas, quanto vem renovando o diálogo interdisciplinar. Este GT tem por objetivo reunir trabalhos sobre a situação dos índios em cidades, com a expectativa de construir um panorama sobre o tema, suas abordagens e pautas de trabalho.

Associativismo indígena urbano e a parentalidade política: notas sobre a Aldeia Maracanã.

Autoria: Bruno da Silva Rangel Francisco (UFF - Universidade Federal Fluminense)

O último Censo do IBGE trouxe à luz a presença indígena nos meios urbanos. Nas duas últimas décadas a cidade do Rio de Janeiro experimentou esse fenômeno na forma de embates pelo uso de espaços públicos ociosos entre o poder público e organizações indígenas tal como a Aldeia Maracanã. Composta por grupos diversos, a Aldeia se apresenta como um coletivo pluri ou multi étnico, com prevalência para etnias oriundas do Nordeste do Brasil, como os Guajajara. Uma das formas privilegiadas de nomeação para o diálogo interno na interno é o uso da categoria 'parente', que traduz a perspectiva de uma união supra étnica entre os grupos indígenas. Entendo que essa 'parentalidade política' dá bojo ao surgimento de associações como o CESAC (Centro de Etnoconhecimento Socioambiental Cauiere) e a subseqüente criação da Aldeia. A luta política dos povos indígenas na forma de associações ou organizações tem se mostrado um recurso recorrente entre os grupos indígenas como forma de articulação política e mecanismo de representação de seus interesses frente a burocracia estatal como visto nos diálogos dos grupos locais com o recém-criado CEDIND-RJ (Conselho Estadual dos Direitos dos Povos Indígenas).



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: